

PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NEGRA REFLEXÃO SOBRE A SALA DE AULA: UMA LEITURA FREIRIANA.

JOSIANE BELONI DA CRUZ¹; KÁTIA APARECIDA POLUCA PROENÇA²;
GOMERCINDO GHIGGI³

¹ Mestranda em Educação, integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Educação e Práxis Social (FEPráxiS) e do Núcleo de Estudos Paulo Freire. Integrante do Grupo Educa-Ação do Ministério Público do RS da Promotoria de Justiça Regional de Pelotas. Facilitadora e integrante do grupo de estudos de círculos de Justiça Restaurativa e de Construção da Paz da Central de Conciliação e Mediação da Comarca de Pelotas. Conselheira Tutelar de Pelotas. E-mail:

belonijbc@hotmail.com. Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi, e-mail: ghiggi@ufpel.edu.br

² Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Bolsista FAFERGs, integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Educação e Práxis Social (FEPráxiS) e do Núcleo de Estudos Paulo Freire. E-mail:

katita.poluca@yahoo.com.br. Orientador: Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira e-mail: avelino.oliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto visa expor um estudo, o qual traz uma perspectiva de salientar iniciativas de erradicação e não só revelando que a discriminação e o preconceito étnico-raciais existem na sociedade brasileira e por consequência na escola, mas buscar superações. Para tanto trazendo Paulo Freire no que tange a resistência, esta no sentido de oposto à desistência. Resistência pressupõe briga entre desiguais, tem a ver com possibilidade de mudar o mundo, de não acomodar-se, não fraquejar, intervir. Ou seja, é acreditar ser possível viver diferente do sistema vigente.

As educadoras no ousarem trabalhar o negro como sujeito histórico na sala de aula, mesmo antes da obrigatoriedade da lei, já que as lutas criam as leis como uma forma de resistência ao sistema excludente no qual sobrevivemos, onde o importante no capitalismo é o ter e não o ser, ser cidadão hoje é ter o direito de compra, por isso essas práticas de resistência, realizadas por educadoras comprometidas, nos levam a Paulo Freire, que nos orienta com a relação do compromisso que o Educador deve ter com a sua prática, devendo ter rigorosidade/comprometimento/afetividade.

Nestas práticas de resistência, quando o sujeito problematiza sua realidade, toma consciência de sua situação de opressão, reflete e realiza um movimento de reconstrução de si e de seu contexto, começa a busca por *ser mais*, sendo para Freire uma *vocação ontológica* (FREIRE, 1987, p.23), ou seja, o humano tem inerente o lutar para sair da opressão, pela humanização, por construir-se por saber de seu inacabamento. Para poder então exercer seus direitos e deveres. Onde a educação popular é um instrumento que contribui para a libertação desse sujeito, para Freire o educador comprometido colabora para a transformação da sociedade, valoriza e respeita os conhecimentos trazidos pelos educandos. Pois o que ele vive e/ou viveu interferem diretamente na sua aprendizagem como no coloca Frenette,

“Enquanto a criança branca, durante seu desenvolvimento, vai introjetando os aspectos positivos dos estereótipos – tais como o de beleza superior e maior inteligência -, a criança negra vai assimilando os aspectos negativos – tais como o de inferioridade estética e menor capacidade mental. (Frenette, 1999).”

Quando nos referimos a esses conceitos de resistência de ações afirmativas, de emancipação estamos relacionando sentidos e critérios de pertencimento, os quais constroem fronteiras que classificam quem faz parte de determinado grupo e quem não faz, posicionando socialmente e levando a privilégios ou desigualdades sociais. Se verificarmos a história “oficial”, legitimada, os negros com certeza não gostariam de fazerem parte de um grupo o aparece sempre como o usado, o humilhado e apenas na atualidade tenta-se mostrar a resistência, a não acomodação, o porquê da consolidação da escravidão, por meio da mistura de tribos africanas rivais ou com línguas, costumes, culturas diferentes, senão antagônicas.

Essa consolidação levará muito tempo para que muitos descendentes desta história possam construir suas identidades sem sentirem-se em desvantagem ou desiguais perante uma sociedade, na qual quem foge ao estabelecido como padrão, norma, é o diferente, o anormal. As minorias, hoje assim chamadas, como no caso da etnia negra, são uma minoria não em números, mas sim em poder, em representação social, ou melhor, em visibilidade.

Outra questão abordada aqui também como forma de resistência é a escolha do conceito raça ou etnia, estamos trabalhando com os conceitos raça/etnia conjugados, para salientar esta ideia de raça negra, no que tange a discriminação, ao preconceito e a resistência, enquanto o conceito etnia para levar em conta a cultura afro-brasileira. Pois o conceito raça carrega consigo um peso de superioridade por uma questão histórica como raça pura no nazismo sendo uma questão de racismo e principalmente de etnocentrismo. Ou seja, o racismo está diretamente ligado a características biológicas, enquanto o etnocentrismo é o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação às outras e também a resistência na escravidão africana à raça era a característica. Dessa forma, não conseguimos separar os conceitos raça/etnia, pois o conceito etnia refere-se à cultura de um grupo, novamente podemos nos remeter ao etnocentrismo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica faz parte da investigação filosófica. Dessa forma, organizamos a investigação, iniciamos pelo paradigma dialético, não de modo a alimentar as disputas exaustivas que há entre os filósofos ou relatar combinações existentes entre eles. A estratégia de ação é consolidar o tema dentro do âmbito educacional, para trabalhar um pensamento crítico nessa área. Com isso, em um segundo momento lógico, a compreensão mais clara e detalhada do conceito utilizado acontecerá através da tarefa analítica, na qual o desdobramento do conjunto da rede categorial filosófica, a análise de seus conceitos-chave tornará possível compreender mais precisamente o vigor de cada um na construção do pensamento educacional como um todo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizemos levantamento bibliográfico dentro das linhas de Filosofia, Educação e História para trabalhar a temática.

4. CONCLUSÕES

Com o pensamento crítico o sujeito rompe com a situação de opressão, vai havendo a conscientização, a tomada de consciência diante de sua realidade e do seu direito de ser mais, também do seu dever de lutar para que de fato isso ocorra, sendo assim tornar-se sujeito e poderá gerar situações libertadoras, a resistência.

Nas práticas de resistência em sala de aula, são soluções praticáveis despercebidas, que Freire nos traz como um caminho para transformação e acontecendo assim à reconstrução da sociedade almejada por todos que se engajam na luta para alcançá-la. Podemos verificar a importância de uma mudança individual para uma transformação educacional e conseqüentemente social, o professor é o propulsor do ideal da sociedade justa, propondo reflexões e ações que revoguem as pregadas pelo sistema vigente e construam outras.

São vários os estudiosos (professores/educadores/pesquisadores), trabalhando para construção de uma nova educação e um novo projeto de escola, a qual seja para todos, são grupos de trabalho que tratam da temática do negro nas mais diversas situações são as questões das cotas, materiais didáticos, mídia, relações sociais, institucionais, étnico-raciais, educação antirracista e o que mais envolver estes sujeitos, denunciando a opressão e resistindo através de ações e práticas que possibilitem transformar este panorama.

5. BIBLIOGRAFIA:

CAVALLEIRO, ELIANE. (org), **Racismo e Anti-Racismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

FREIRE, Ana, Maria Araújo. **Inédito Viável**. In: **Dicionário Paulo Freire**/Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs). 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.223 - 226, 2010.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FRENETTE, M. **A cor da infância: A influência branca na formação da auto-imagem da criança negra**. In. **Caros Amigos**. Ano 3, nº 26, mai/99. São Paulo: Casa Amarela, 1999. p. 29-30.

MUNANGA, KABENGELE. **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. MEC/Secad, 2005.

SOUZA, A, S. **Ações Afirmativas: Origens, conceito, objetivos e modalidades**. Jus Navigandi, Teresina, ano11, nº 1321, 2007.